

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO**

MARCELO SALTON SCHLEDER

**A QUEDA DE RICARDO TEIXEIRA:
JORNALISMO CRÍTICO X INTERESSES COMERCIAIS**

Artigo acadêmico apresentado como requisito para a obtenção do título de Especialista em Jornalismo Esportivo, pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, durante o semestre de 2012/1, orientado pela Professora Dra. Sandra de Deus.

PORTO ALEGRE

2012

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise da cobertura jornalística da renúncia de Ricardo Teixeira da presidência da Confederação Brasileira de Futebol, realizada pelos periódicos *Zero Hora*, *O Globo* e *Folha de S.Paulo*, no dia 13 de março de 2012. A pesquisa tem como objetivo analisar a forma como a conduta da editoria de esportes de cada veículo é influenciada pelas relações comerciais com os personagens da notícia. Construído a partir de estudos de Alcoba López (2005), Barbeiro e Rangel (2006), Bourdieu (1997), Bucci (2000), Coelho (2003) e Traquina (2004), o artigo apresenta a análise dos veículos a partir de pesquisa bibliográfica e análise comparativa, com base na teoria da imparcialidade jornalística.

Palavras-chave:

Jornalismo esportivo – interesses comerciais – O Globo – Zero Hora – Folha de S.Paulo

1. INTRODUÇÃO

Jornalismo e entretenimento nunca estiveram tão próximos. Bourdieu (1997) aponta que as notícias de variedades, antes restritas aos veículos de linha editorial sensacionalista, ganharam espaço nos telejornais considerados sérios, em razão do potencial mercadológico e da fácil assimilação pelos espectadores. Costuma-se dizer que o tempo é escasso na televisão, porém cada vez mais ele é usado para transmitir conteúdo banal, capaz de gerar interesse numa parcela significativa do público, mas sem ocasionar qualquer consequência direta para quem assiste. Enquanto isso, os fatos relevantes para a formação de uma consciência crítica são colocados em segundo plano e, não raramente, muitas vezes sequer são mencionados. “Ora, ao insistir nas variedades, preenchendo esse tempo raro com o vazio, com nada ou quase nada, afastam-se as informações pertinentes que deveria possuir o cidadão para exercer seus direitos democráticos” (Bourdieu, 1997, p.23-24). O autor entende que essa postura das emissoras de televisão causa uma divisão na população: de um lado está um grupo reduzido, formado pelos leitores dos jornais ditos sérios; do outro, os cidadãos que se satisfazem com o noticiário televisivo.

A editoria de esporte sempre esteve próximo do entretenimento. Acompanhar o clube ou o atleta favorito é uma atividade própria do lazer, o que leva as empresas de comunicação a apostarem em conteúdo com linguagem informal e focado nos resultados das competições, no período de preparação e nas eventuais transferências de jogadores. Entretanto, a transformação dos eventos esportivos em espetáculos midiáticos alterou a abordagem dos veículos de imprensa. A intenção de informar o público deixou de ser a principal prioridade, para dar mais espaço às reportagens voltadas ao sensacional, aos fatos que fogem da normalidade, à exploração da vida pessoal dos principais competidores e à promoção das equipes e competidores de maior apelo popular.

Nos jornais, as mudanças foram menos sentidas. Porém, o noticiário dos bastidores dos clubes e das federações recebe pouca atenção, mesmo que tenha impacto direto no objeto de paixão do leitor. De acordo com Coelho (2003), uma provável razão é que não mexe com os sentimentos dos torcedores e, dessa forma, não tem impacto positivo na circulação dos periódicos. Ainda assim, há quem opte em dar uma atenção especial ao assunto. Sem uma tradição na cobertura esportiva,

a *Folha de S.Paulo* começou a se diferenciar dos demais diários brasileiros ao ser o pioneiro no uso das estatísticas em diversas modalidades, em meados da década de 1990. A estratégia agradou ao público. A publicação “firmou-se em definitivo no jornalismo esportivo quando passou a preocupar-se mais com a cobertura do aspecto político do esporte do que propriamente com o que acontece dentro dos campos e das quadras” (Coelho, 2003, p.88).

Hoje, a *Folha de S.Paulo* é referência nacional no noticiário dedicado aos bastidores do esporte. Ao optar por estudar o noticiário político dentro do esporte, o periódico se tornou um veículo obrigatório para a análise. Os outros jornais escolhidos foram *O Globo*, por representar o principal conglomerado de comunicação no Brasil, e a *Zero Hora*, por contar com uma estrutura semelhante à dos maiores periódicos e por representar uma visão gaúcha, mais distante dos acontecimentos.

Este trabalho abordará a cobertura da queda do presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Ricardo Terra Teixeira, em 12 de março de 2012. No cargo desde 1989, o dirigente é quem ficou mais tempo à frente da entidade que controla o esporte mais popular do país. Nesses 23 anos, ele obteve cinco reeleições, conquistou duas Copas do Mundo e transformou a CBF em uma entidade rica, mas esteve envolvido em uma série de denúncias, que serviram como base para duas Comissões Parlamentares de Inquérito no Congresso Nacional e que, possivelmente, contribuíram para a sua renúncia.

A saída de Teixeira da presidência da CBF e do Comitê Organizador Local da Copa do Mundo de 2014 recebeu atenção de todos os setores da imprensa, mesmo aqueles mais próximos da entidade. É importante destacar que, no período em que comandou a confederação, o ex-dirigente manteve uma relação próxima com as Organizações Globo. Há mais de 20 anos, a Rede Globo de Televisão detém os direitos de transmissão do Campeonato Brasileiro e das partidas da seleção brasileira. O Grupo RBS, proprietário da RBS TV, filiada da Globo no Rio Grande do Sul, tem, portanto, uma ligação indireta com a entidade que administra o futebol brasileiro. Situações diferentes às da *Folha de S.Paulo*, de propriedade de uma empresa de comunicação alheia às negociações da televisão.

Por essa razão, o objeto de estudo desta pesquisa é a cobertura do caso nos jornais de 13 de março de 2012 – o dia seguinte à renúncia –, com a intenção de verificar de que forma o periódico que se especializou em política do esporte se

diferencia dos demais e como as relações comerciais de uma empresa pode afetar a independência de sua cobertura. As metodologias empregadas são as técnicas de análise comparativa e de pesquisa bibliográfica, com base na teoria da imparcialidade jornalística.

2. A COBERTURA JORNALÍSTICA

Para facilitar a compreensão, a análise foi dividida em quatro partes: capa do jornal, capa de esportes, editorial e noticiário.

2.1. Capa

A primeira página de *Zero Hora* tem como manchete de destaque a saída do principal dirigente do futebol brasileiro. “A última jogada”, anuncia o periódico em caixa-alta, acompanhada da linha de apoio “Isolado e sob pressão, Ricardo Teixeira renuncia à presidência da CBF”. Como imagem, o veículo do Grupo RBS apresenta uma foto de perfil de Teixeira, em que ele aparenta preocupação. Fazem parte também da capa três chamadas relacionadas ao assunto: “Fora do comando, mas não tão fora da Copa”, “O folclórico sucessor e a briga pelo poder” e “Lula negociou saída e Planalto festejou”.

É importante ressaltar o espaço ocupado pela notícia na capa de *Zero Hora*. A queda de Ricardo Teixeira ocupou aproximadamente 45% da página, tratamento só reservado para acontecimentos de grande relevância. Já a partir da capa, o jornal transmite ao leitor a sensação de que a saída do dirigente aconteceu em seus próprios termos, após um jogo político que envolveu seus aliados na estrutura do futebol brasileiro e até mesmo um ex-presidente da República. Outro ponto a ser destacado é que o sucessor José Maria Marin é descrito como folclórico.

A notícia da troca no comando da CBF também tem tratamento privilegiado em *O Globo*. A manchete “O fim da Era Teixeira” ocupa espaço nobre na página, logo após o cabeçalho com o logotipo do jornal, porém fica em segundo plano. A condição de principal notícia fica com a reforma administrativa do Senado Federal, enquanto a foto de maior destaque mostra uma criança ferida em Homs, cidade sitiada na Síria.

A linha de apoio da manchete da saída de Teixeira é “Dirigente larga CBF e Copa de 2014”. Abaixo, um pequeno texto resume os fatos do dia anterior. É mencionado que, além de ser motivado pela perda de influência junto ao Governo Federal e pelas denúncias de corrupção, o ex-presidente deixou o cargo a pedidos dos familiares. No final, é lembrado que foi alvo de investigação em duas CPIs, mas que, nos 23 anos de gestão da entidade, a seleção brasileira conquistou dois títulos mundiais. Na parte inferior, aparecem os títulos dos textos dos dois principais colunistas esportivos do jornal, Fernando Calazans e Renato Maurício Prado. “É hora de acabar com a reeleição eterna de dirigentes”, pede o primeiro, enquanto o segundo alerta: “Não esperem mudanças no futebol brasileiro”.

À esquerda do texto, uma foto do novo presidente da CBF. Marin aparece sorridente e acenando para a câmera, entretanto, a legenda afirma que se trata de um ex-presidente da Federação Paulista e antigo aliado do ex-governador de São Paulo, Paulo Maluf. À direita, uma charge de Chico Caruso ironiza a situação. No desenho, Teixeira transmite o logotipo da Copa de 2014 para Marin, enquanto a legenda explica que a peruca do novo mandatário é a única diferença para o antecessor.

Espaço nobre, abaixo do cabeçalho, e status de principal chamada. Esse foi o tratamento da *Folha de S.Paulo* para a mudança no topo da hierarquia do futebol brasileiro. “Após 23 anos, Teixeira sai e divide o poder na CBF”, diz a manchete. Na linha de apoio, o complemento da informação: “José Maria Marin assume, Copa fica com Ronaldo e seleção, com Andres Sanchez”.

Abaixo do título, a *Folha* apresenta um texto com as informações básicas. É destacado o envolvimento de Teixeira em denúncias sobre desvio de dinheiro público e o recebimento de propinas, assim como é projetado que o poder na CBF passa a ser compartilhado por aliados do antigo presidente. Também é mencionado que o governo federal foi surpreendido com a renúncia, mas recebeu a saída do dirigente com alívio. Na foto que acompanha a manchete, Marin aparece de cara fechada. A imagem está em segundo plano na página, já que o periódico optou por dar grande destaque para uma foto do choro de uma sobrevivente ao ataque das forças militares sírias em Homs.

2.2. Capa de Esportes

A saída de Ricardo Teixeira da CBF motivou a *Zero Hora* a dedicar a reportagem especial – sempre publicada nas páginas 4 e 5 do jornal – à cobertura do fato. Entretanto, como as informações não se esgotaram em duas páginas, a publicação abriu espaço para o assunto nas páginas 6 e 10. Portanto, o tema não foi abordado na editoria de esportes, que dedicou a capa da seção ao confronto que seria realizado naquela noite pela Taça Libertadores da América, entre o Sport Club Internacional e o Club The Strongest, da Bolívia.

Em *O Globo*, a primeira página do Caderno de Esportes tem como manchete “Apito final”. Uma imagem, que ocupa aproximadamente 50% do total da página, mostra uma bola de futebol azul e alguns pinos de boliche. Em primeiro plano, uma foto do rosto de Ricardo Teixeira estampa um dos pinos derrubados. Ao lado, uma coluna inteira de texto destaca as razões da renúncia, explica o jogo de bastidores que resultou na posse de Marin e fala do futuro do ex-presidente da CBF.

O caderno de esportes da *Folha de S.Paulo* tem formato tabloide, ao contrário do restante do jornal, publicado em tamanho standard. Por essa razão, a capa costuma ser muito mais gráfica. Na edição de 13 de março de 2012, a primeira página tem estampada uma foto de Ricardo Teixeira na sede da CBF. O ex-presidente da entidade aparece de cabeça baixa, com expressão assustada. Abaixo, a manchete “Acabou”, seguida de três chamadas: “Sob escândalos, Ricardo Teixeira deixa a CBF depois de 23 anos”, “Cartola também se afasta da organização da Copa, mas mantém filha” e “José Maria Marin, o mais velho dos vices, assume e irrita federações”.

2.3. Editorial

Entre os três jornais pesquisados, *O Globo* é o único que não dedica um texto no Editorial sobre os rumos do futebol brasileiro. O jornal carioca prefere manifestar opinião sobre os desvios éticos do Senado Federal – uma decisão coerente com a própria capa do periódico – e do uso político da Petrobras, um tema que sequer é mencionado na edição do dia 13 de março. A falta de um posicionamento em relação à saída de Ricardo Teixeira da CBF repete a postura adotada pela empresa no caso das denúncias contra o ex-dirigente. Fica clara a opção das Organizações Globo em privilegiar uma relação movida por interesses comerciais em detrimento da cobertura jornalística crítica quando o próprio ex-presidente da CBF confessou

para a repórter Daniela Pinheiro, da revista *Piauí*, a certeza de que a empresa não publicaria denúncias contra ele:

“Meu amor, já falaram tudo de mim: que eu trouxe contrabando em avião da Seleção, a CPI da Nike e a do Futebol, que tem sacanagem na Copa de 2014. É tudo coisa da mesma patota, UOL, Folha, Lance, ESPN, que fica repetindo as mesmas merdas. (...) Só vou ficar preocupado, meu amor, quando sair no Jornal Nacional”. (PINHEIRO, 2011, p.42)

A *Zero Hora*, por sua vez, publica “A mudança na CBF” como o principal artigo de opinião do veículo. No texto, o Grupo RBS argumenta que:

A saída de Ricardo Teixeira da presidência da Confederação Brasileira de Futebol e do Comitê Olímpico Local (sic), que prepara a Copa do Mundo de 2014, representa acima de tudo uma oportunidade para o país imprimir mais gestão do seu principal esporte (Zero Hora, 2012, p.18).

O texto prossegue com menções a “conquistas inquestionáveis, como a recuperação financeira da CBF, as vitórias brasileiras em dois Mundiais e a escolha do país como sede da Copa de 2014”, mas contrapõe com citações às irregularidades e suspeitas acumuladas desde o início da sua gestão. *Zero Hora* lamenta que a entidade que controla o futebol brasileiro não tenha dado o devido tratamento aos clubes, porém lembra que a evolução na gestão das competições teve um toque do ex-presidente.

No artigo, o Grupo RBS lembra ainda do escândalo referente aos bens não declarados por Teixeira à Receita Federal no voo de retorno da Copa dos Estados Unidos e das duas CPIs que investigaram a administração da CBF no período da sua gestão. No encerramento, é cobrada uma reorganização da entidade, com foco na transparência.

O editorial da *Folha de S.Paulo* tem como título “Chance para a CBF”. O veículo questiona se a mudança na presidência da entidade promoverá alguma mudança institucional, “com uma gestão mais profissional e arejada. Não são esses, infelizmente, os sinais que se observam” (Folha de S.Paulo, 2012, p.A2), lamenta o jornal.

Para a *Folha*, Marin, de 79 anos, aparenta representar a continuidade, se não o retrocesso. O artigo avança sobre o passado do novo presidente, ex-vice-governador de Paulo Maluf e, mais tarde, dirigente máximo da Federação Paulista por seis anos. Em relação a Teixeira, a postura é essencialmente crítica: “Deixa para

o sucessor uma confederação rica e um futebol de clubes não raro pobres, endividados e subservientes, com calendários problemáticos e administrados de maneira amadora” (idem, p.A2). Por fim, o texto lembra que a renúncia e a próxima eleição da CBF, a ser realizada em 2015, representam oportunidades de progresso na administração do esporte mais popular do país, mas que dificilmente serão aproveitadas.

2.4. Noticiário

Zero Hora inicia afirmando que Teixeira deixou a CBF e o Comitê Organizador Local da Copa de 2014 pela porta dos fundos. De acordo com o jornal gaúcho, os problemas de saúde seriam apenas um pretexto para justificar o afastamento definitivo e a dedicação exclusiva à defesa em processos de corrupção em que é réu.

O diário porto-alegrense diz que nem mesmo a proximidade do dirigente com a Federação Internacional de Futebol Associado (Fifa) e com o governo federal foram suficientes para abafar as denúncias de que ele teria recebido – da mesma forma que o ex-sogro João Havelange – propina em contratos de marketing com a ISL. A posse de Dilma Rousseff, com quem Teixeira não tem boas relações, e a pressão internacional teriam sido as razões para que o prestígio tivesse ruído. Para a *Zero Hora*, ele sentiu o enfraquecimento e montou um plano de fuga para Miami, onde buscará o sossego em um país no qual a imprensa tem interesse reduzido no futebol.

No texto “Só Lula poderia manter Teixeira”, o jornalista Fábio Schaffner traz a repercussão da denúncia em Brasília. Sem identificar os entrevistados, o repórter revela que a atual presidente articulava nos bastidores uma saída honrosa para o ex-dirigente da CBF, enquanto Lula, de quem era próximo, tentava convencê-lo a suportar a pressão e permanecer no cargo.

Um dos pontos fortes da cobertura de *Zero Hora* foi a entrevista exclusiva com o jornalista escocês Andrew Jennings, autor do livro *Jogo sujo – o mundo secreto da Fifa* e de reportagens para a BBC sobre o envolvimento do dirigente brasileiro no recebimento de suborno da ISL, pelo repórter Matheus Beck. Jennings defendeu o envolvimento do governo federal no processo de reforma administrativa da CBF, já que o Executivo é parceiro da entidade na organização da Copa de 2014.

A análise da renúncia de Teixeira sob o viés da política esportiva é realizada pelo editor de Copa do jornal, Rodrigo Müzell. No texto “Nem tão fora do Mundial”, é destacado que, embora tenha se desligado oficialmente da CBF, o ex-presidente ainda exerce forte influência no COL. Sua filha, Joana Havelange, é a diretora-executiva do órgão, enquanto que os ex-jogadores Bebeto e Ronaldo, integrantes do Conselho de Administração do comitê, têm uma relação próxima com ele. Entretanto, para o jornalista, o afastamento de Teixeira significa a perda de prestígio da América do Sul junto à Fifa: “A queda (...) mostra que o poder na entidade que comanda o futebol mundial está voltando para a Europa após 38 anos” (Zero Hora, 2012, p.10).

Entre os colunistas da editoria de esportes de *Zero Hora*, a saída de Teixeira recebe atenção menor do que a partida do Inter contra o The Strongest, pela Taça Libertadores. Diogo Olivier manifesta o desejo por uma “Primavera do Futebol Brasileiro”, tal qual aconteceu recentemente em países do norte da África e do Oriente Médio. Em sua opinião, a posse de Marin é similar a “Kadafi tomando banho na piscina de água mineral enquanto o povo líbio morre de sede”. Luiz Zini Pires, por sua vez, lembra que a mudança no comando da CBF significa instabilidade para o atual técnico da seleção, Mano Menezes. Já para Wianey Carlet, o novo presidente é uma opção ainda pior para gerir o futebol brasileiro, e o quadro só mudaria com a intervenção do Ministério dos Esportes.

O *Globo* inicia a cobertura com a notícia de que a renúncia de Teixeira significa maior tranquilidade para a cooperação entre o COL e o Ministério dos Esportes. Ainda que surpreendidos com a saída do ex-presidente, os articuladores políticos do governo e figuras influentes no futebol apostam na redução da tensão em futuras negociações.

Em outra reportagem, o diário carioca expressa a preocupação dos dirigentes do Rio de Janeiro com a posse de Marin. O temor era de que o novo mandatário transformasse a entidade em um prolongamento da Federação Paulista, ainda que ele tivesse dado sinais de que não mudaria a política do antecessor. O *Globo* cogita a hipótese de um levante das federações insatisfeitas com a troca no comando da CBF.

O jornal também busca apresentar Marin aos torcedores. Por conta disso, é lembrado um episódio em que ele furta uma medalha na premiação da Copa São Paulo de Futebol Júnior em janeiro passado, quando o presidente da CBF é

comparado ao personagem Zé das Medalhas, da telenovela Roque Santeiro. Também são mencionadas a passagem pelo São Paulo Futebol Clube, a chefia da delegação brasileira na Copa do Mundo do México, em 1986, e a proximidade política com Paulo Maluf.

O *Globo* apresenta na página central do caderno de esportes um detalhado balanço da gestão Teixeira. Chama a atenção o espaço reservado e o tom elogioso do texto “Conquistas em campo e no cofre”, com as realizações nos 23 anos em que permaneceu no poder.

Ricardo Teixeira sai da presidência deixando como legado um considerável histórico de conquistas, a valorização da seleção brasileira como produto comercial e uma CBF financeiramente muito mais saudável. Quando o agora ex-dirigente assumiu a entidade, o Brasil já amargava 19 anos sem conquistar uma Copa do Mundo. Dois anos antes, em 1987, a CBF se declarara financeiramente incapaz de realizar o Campeonato Brasileiro. Hoje, apesar das críticas ao formato, o país tem um calendário divulgado com antecedência e um Brasileiro disputado por pontos corridos, antiga cobrança da opinião pública e de parte dos profissionais do futebol. (O Globo, 2012, [Esportes] p.4)

Também na página central, outra reportagem detalha os escândalos dos 23 anos em que Teixeira esteve à frente do futebol brasileiro. Entre as acusações, aparecem manobras como a mudança de datas de eleições, os contratos milionários em que a CBF abre mão de direitos da seleção brasileira e o envolvimento em sonegação de impostos e evasão de divisas. Porém, após relacionar todas as denúncias que envolvem o ex-presidente, *O Globo* ressalta que os processos foram investigados, mas nada ficou provado contra Teixeira.

O *Globo* buscou ainda repercutir a queda do antigo homem forte do futebol brasileiro. Foram ouvidas diversas personalidades ligadas à modalidade, desde opositores de Teixeira, como Romário e o senador Álvaro Dias, até Carlos Alberto Parreira e Bebeto, pessoas próximas ao ex-dirigente. Ainda que mais depoimentos sejam contrários, o jornal preferiu dar mais ênfase aos seus defensores.

Os colunistas do periódico mostram cautela. Apesar de não demonstrar simpatia por Teixeira, Fernando Calazans destaca a capacidade de Teixeira em se manter no poder mesmo em meio às denúncias. Com a renúncia, ele clama por uma maior participação dos clubes na gestão do futebol brasileiro diante do domínio exercido pelas federações estaduais. Já Renato Maurício Prado vê apenas uma mudança simbólica no comando da CBF, já que, com a idade avançada, Marin não

deve governar após 2015, o que significa que não terá tempo para realizar reformulações na entidade. O articulista prevê ainda o aumento do poder de influência do presidente da Federação Paulista, Marco Polo Del Nero, mas a diminuição da autonomia do diretor de seleções, Andres Sanchez, e do técnico da seleção, Mano Menezes.

Na cobertura da *Folha de S.Paulo*, a saída de Ricardo Teixeira é atribuída às investigações sobre o amistoso Brasil e Portugal, realizado em Brasília em 2008. A equipe de reportagem do jornal entende que essa é a principal razão para a falta de diálogo com a presidente da República, Dilma Rousseff. A decisão de deixar o cargo foi apressada por temor em ter o passaporte retido pela Polícia Federal, somado à exposição internacional cada vez maior do escândalo da ISL.

A publicação destaca que, com Teixeira fora da CBF, a principal novidade é a redistribuição de poder. Marin seria o encarregado de gerir a entidade, enquanto que Sanchez ficaria responsável pelas seleções e Ronaldo ganharia poderes no Comitê Organizador Local. De acordo com interlocutores do ex-presidente, a centralização das decisões mais importantes explicava o domínio político sobre as federações estaduais, mas essa centralização, em casos de forte pressão, se transformava em fraqueza, devido à incapacidade em se distanciar dos holofotes.

A decisão de apoiar o candidato de oposição na mais recente eleição na Fifa pode ter sido um importante erro estratégico, de acordo com a *Folha*. O presidente do órgão internacional, Joseph Blatter, “aumentou a pressão sobre Teixeira no final de 2011 e prepara a divulgação do dossiê ISL, maior caso de corrupção da história da Fifa” (Folha de S.Paulo, 2012, p.D6).

Teixeira é descrito pela *Folha* como um “presidente que nunca gostou de futebol, de frequentar estádios ou de assistir a jogos pela TV. Nunca foi dirigente de clube ou de federação. Foi direto ao topo do futebol brasileiro” (idem, p.D8). Em artigo de análise, o editor-adjunto Paulo Cobos classifica o ex-dirigente como “mestre da política miúda, rasteira, do mundo do futebol” (idem, p.D9) e conclui que Teixeira alcançou muita coisa ao longo de 22 anos em que teve como principal credencial a condição de ser genro de João Havelange.

O colunista Juca Kfourri, principal crítico de Teixeira na imprensa brasileira, teceu elogios à postura da presidente Dilma Rousseff de isolar o ex-dirigente, alvo de investigações judiciais. Em relação ao novo cenário, preferiu destacar que havia

chegado o momento dos clubes tomarem as rédeas da gestão do futebol, já que Marin representa a continuação do antigo modelo.

3. CONCLUSÃO

Os veículos analisados foram unânimes em tecer críticas ao período em que Ricardo Teixeira dirigiu a CBF. Entretanto, houve muitas diferenças no tom da cobertura. *O Globo*, por ser propriedade de um grupo de comunicação que mantém laços comerciais com a confederação, deu mais espaço que a *Zero Hora* e a *Folha de S.Paulo* para as opiniões favoráveis ao período ao ex-dirigente. Isso é demonstrado por ter sido o único periódico a publicar a carta de renúncia na íntegra, por ter dado um grande destaque na página central do caderno de Esportes para o texto que fazia um balanço das conquistas da CBF enquanto administrada por Teixeira e pela ausência de um artigo no Editorial a respeito do tema. Por sua vez, ainda que a independência fique comprometida, a proximidade do veículo com o órgão que gere o futebol brasileiro também traz algumas vantagens. *O Globo*, e em especial o colunista Renato Maurício Prado, tiveram um alto índice de acertos nas projeções a respeito dos bastidores do futebol brasileiro. Acredito que isso não é fruto do acaso e tem relação direta com o maior acesso do jornal aos personagens da política do futebol.

A *Zero Hora* se caracterizou pela ousadia. Para um jornal de uma empresa não totalmente independente da realidade política da CBF, as críticas foram fortes. Foi o veículo que deu mais destaque à renúncia na capa e aquele que preferiu levar a notícia para o espaço mais nobre. Um diferencial foi a entrevista com Andrew Jennings, enquanto que a comparação de Marin com o personagem Zé das Medalhas não passa batido. Entretanto, a distância entre o Rio Grande do Sul e o Rio de Janeiro dificulta o acesso da equipe de reportagem aos principais envolvidos na política interna da CBF. Como consequência, o veículo não conseguiu noticiar em primeira mão nenhuma informação dos bastidores.

Por sua vez, a *Folha de S.Paulo* foi o veículo que mais teceu críticas ao ex-presidente da CBF. Mesmo distante da sede da confederação, o jornal conseguiu trazer uma série de informações novas pelo simples fato de ter uma equipe muito mais acostumada com a cobertura política do esporte. A *Folha* tem como

característica uma cobertura essencialmente crítica aos dirigentes, a quem chama pejorativamente de “cartolas”, termo descrito por Leandro (2003) como símbolo do poder e do distanciamento das classes populares. Tal postura é justificada pela maior liberdade em investigar as autoridades do futebol, da mesma forma que os jornalistas de política fazem com os membros dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. Bucci (2000) entende que a postura do profissional da imprensa deve ser de fiscalização das autoridades, e Barbeiro e Rangel (2006) defendem que o bom jornalismo tem os mesmos princípios, independente da editoria. Por essa razão, a postura da *Folha de S.Paulo*, mesmo que em alguns momentos beire a beligerância, é completamente justificada.

A pesquisa conclui que manter a independência é importante, em razão da lealdade aos interesses da sociedade. A postura combativa nem sempre rende os melhores resultados. Renato Maurício Prado, de *O Globo*, provou que a proximidade com a fonte é, muitas vezes, a melhor maneira de conseguir informações exclusivas. Entretanto, como defende Kfoury (2009), o leitor tem o direito de saber como funcionam os bastidores do esporte da sua paixão, por mais que o caminho do jornalista seja desestimulante, em razão das dificuldades inerentes a quem enfrenta o *establishment*.

REFERÊNCIAS

- ALCOBA LÓPEZ, Antônio. *Periodismo deportivo*. Madrid: Síntesis, 2005.
- BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. *Manual do jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BUCCI, Eugenio. *Ética e imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- COELHO, Paulo Vinicius. *Jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto, 2003.
- FOLHA DE S.PAULO. São Paulo, ano 92, nº 30.295, 13 mar. 2012.
- JENNINGS, Andrew. *Foul! – The secret world of FIFA: bribes, vote rigging and ticket scandals*. London: HarperSport, 2007.
- KFOURI, Juca. *Por que não desisto: futebol, poder e política*. Barueri: Disal Editora, 2009.
- LEANDRO, Paulo Roberto. *O jornalista e o cartola: o jornalismo esportivo impresso na Bahia e sua resistência ao campo da política*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2003. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/61975902/O-Jornalista-e-o-Cartola-Tese>> Acesso em: 17 mar. 2012.
- O GLOBO. Rio de Janeiro, ano 87, nº 28.708, 13 mar. 2012.
- PINHEIRO, Daniela. O presidente. *Revista Piauí*. Rio de Janeiro/São Paulo: Alvinegra, ano 5, nº 58, jul. 2011. P.42-50.
- TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo*. Florianópolis: Insular, 2004.
- YALLOP, David Anthony. *How they stole the game*. London: Constable & Robinson Ltd., 1999.
- ZERO HORA. Porto Alegre, ano 48, nº 16.959, 13 mar. 2012.